

Da minha biblioteca

Milton Hatoum – Dois Irmãos



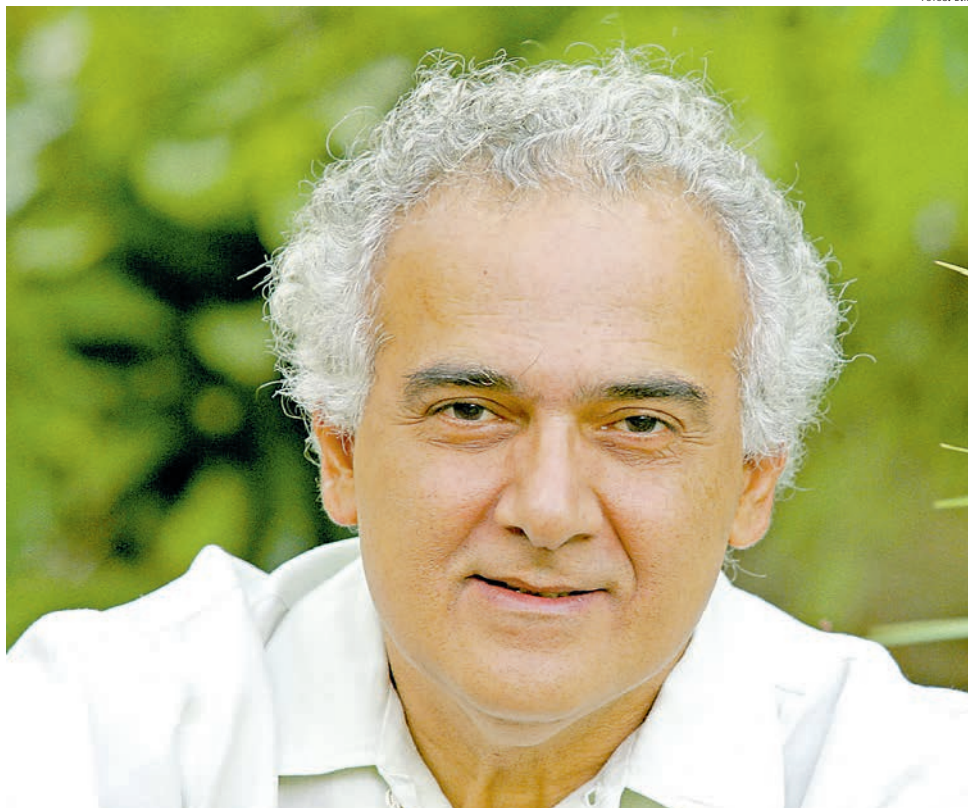
Adriana Nogueira

Classicista
Professora da Univ. do Algarve
adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

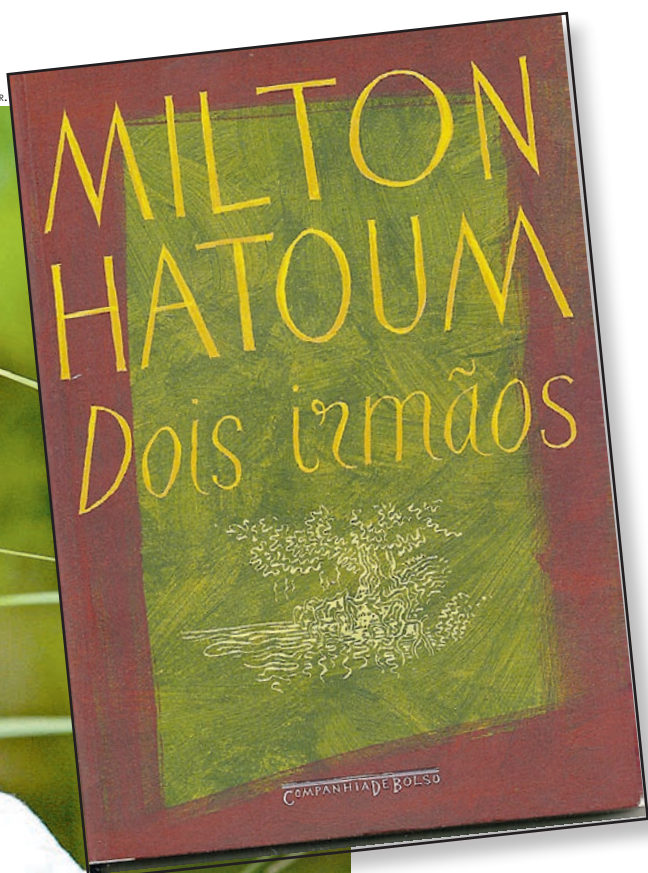
Até há pouco tempo nunca tinha lido nada de Milton Hatoum. Mas, emprestado por uma amiga, li *Dois Irmãos* e perguntei-me por que razão não tinha ouvido falar dele antes. Às vezes ando distraída e deixo passar várias informações literárias em revistas, jornais e rádio (televisão não tenho). Deve ter sido numa dessas alturas que o seu nome foi falado, até porque as notícias das suas vitórias de prémios literários foram difundidas no nosso país.

Tendo passado por diversas profissões (arquiteto, professor de literatura, cronista), Milton Hatoum não é um desconhecido em Portugal e muito menos no Brasil. Por cá, a sua obra (quatro romances e um livro de contos) está publicada na Cotovia (*Relato de um certo Oriente* – 1999; *Dois irmãos* – 2000; *Cinzas do norte* – 2005 e os contos *A cidade ilhada* – 2009) e na Teorema (*Órfãos do El Dourado* – 2009). No Brasil, todos os romances foram premiados: três deles com o prestigiado prémio Jabuti de Literatura e um, *Cinzas do norte*, com o importante Prémio Portugal Telecom de Literatura.

Dois irmãos é um livro pequeno, mas muito intenso. Depois de terminarmos a leitura ainda ficamos com as personagens e os seus dramas de vida na nossa memória. Passado em Manaus, acompanha a história da família de Zana e Halim, um casal de libaneses emigrados no Brasil. A ação acompanha décadas da família (os gémeos teriam nascido em 1925), principalmente do período que medeia a Segunda Guerra até à ditadura militar, pelo olhar de uma personagem secundária, que sabe de muitas destas histórias em segunda mão, através das conversas com



FOTOS: D.R.



Dois irmãos, de Milton Hatoum, narra uma história de ódio familiar

diversas personagens, principalmente Halim e a índia Domingas que, vimos a saber, é sua mãe. Tudo nos é revelado aos poucos, como se o narrador (cujo nome, Nael, só sabemos quase no fim) nos fosse contando à medida que se vai lembrando, recuando e avançando no relato.

Caim e Abel

Na cultura ocidental, desavenças entre dois irmãos fazem-nos pensar em Caim e Abel. De alguma maneira, estes dois gémeos da história, **Yaqub e Omar**, filhos de Halim e Zana, apesar de pertencentes a uma cultura diferente (a libanesa, já contaminada com a brasileira), também têm ciúmes um do outro e competem, não pelo amor de Deus, mas pelo amor das mulheres da sua vida. Essa disputa que sempre existiu entre os dois extremou-se depois do afastamento de Yaqub, por uns anos, para o Líbano, também por causa de uma mulher. Ciumento, e apenas com 13 anos, Omar rasga-lhe a cara. Essa cicatriz, que Yaqub nunca ocultou, é um traço distintivo, também simbólico, da diferença exterior

que este quer marcar em relação ao gémeo, de quem não poderia ser, interiormente, mais distinto: ele é bom aluno, outro é expulso da escola, este é calado, outro expansivo, este é independente e outro dependente. Mas, apesar de todos os defeitos apontados a Omar, também vemos nele uma vítima, um prisioneiro do amor das mulheres da família.

As mulheres de Omar

O título do livro remete para as personagens que motivam a história, os gémeos, mas também se poderia chamar *Amor de mãe*, visto que a personagem mais forte é a de Zana. Apesar de tentar esconder e não admitir a sua preferência por um dos filhos, estabelece com o mais novo, o Caçula (Omar), uma relação de tal modo doentia que, não fosse a paixão que tem pelo marido ser manifesta, dir-se-ia quase incestuosa. Com o seu amor sufoca-o, dificultando-lhe a relação com a restante família e, principalmente, com outras mulheres: «Todas foram vítimas de Zana. Todas, menos duas (...). As outras, assanhadas e oferecidas,

não foram páreo para Zana, nem de longe ameaçavam o amor da mãe. Nem chegavam a duelar, não foi preciso. Além disso, não tinham nome, quer dizer, o Caçula só as chamava de queridinha ou princesa, para deleite da rainha-mãe, jamais destronada. Mas a mulher daquela noite tinha um nome: Dália. (...) Só ela atraía os olhares (...) e nós – aturdidos com os giros sensuais daquele corpo que nos desviou da noite –, nós invejávamos o Caçula, o gémeo disputado. Mas Omar cometia o erro de trair a mulher que nunca o havia traído» (p.76). Mais do que a questão que separa os dois irmãos, este é o maior drama desta história: uma mãe que não consegue libertar o filho, que não o deixa crescer, com um amor asfíxiante e destruidor.

Além da mãe, Omar tem de lidar também com o amor de Rânia, a irmã mais nova, que não encontra nenhum companheiro que consiga competir com os irmãos, por quem nutre um amor infinito. Também esse amor doentio, sem o ser efetivamente, parece incestuoso, como o narrador dá

a entender, neste caso mais claramente: quando o Caçula queria dinheiro, ia-lho pedir. Ela rabujava, mas «Ele ouvia a ladainha e começava a acariciar a irmã: um beijo nas mãos um afago no pescoço, uma lambida no lóbulo de cada orelha. Enlaçava-a, carregava-a no colo, olhando para ela como um conquistador cheio de desejo. As palavras que adoraria ouvir de um homem ela ouviu de Omar, ‘o irmão que nunca ficou longe de ti, que nunca te abandonou, mana’, ele sussurrava. Rânia se derretia, sensual e manhosa, e a voz dela, mais pausada, ia cedendo um pouquinho, até balbuciar, concordar: Está bem, mano, te dou uma mesadinha, assim tu te divertes por aí» (p.133).

A outra mulher da casa é Domingas, que nunca saiu da casa que a acolheu, quase criança, como criada, estabelecendo uma relação de lealdade inquestionada. O narrador vem a descobrir que seu filho é neto de Zana e Halim: «Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo (...). Minha infância, sem nenhum

sinal da origem. Era como esquecer uma criança dentro de um barco num rio deserto, até que uma das margens o acolhe. Anos depois, desconfiei: um dos gémeos era meu pai» (p.54).

Halim

Sobre um livro chamado *Dois irmãos*, pouco aqui escrevo sobre eles. Pode parecer estranho, mas faço-o intencionalmente, para não tirar à leitura o prazer da descoberta. Por isso, escolhi, para fechar este texto, escrever algumas palavras sobre o pai, a única pessoa que vai transmitindo algum equilíbrio e sensatez, com desejos e anseios simples, que tudo o que sempre quis na vida foi amar a sua mulher, viver tranquilamente (sem filhos, o que não foi possível), conviver com os amigos e aproveitar sossegadamente os bons momentos que a existência pode proporcionar. Não sendo este um livro feliz, esta personagem é a que conseguiu viver mais perto da felicidade. Só que a «vida vai andando em linha reta, de repente dá uma cambalhota, a linha dá um nó sem ponta. Foi assim...» (p.135).



“CERÁMICAS DE ALCOUTIM”

Até 26 MAR | Casa dos Condes - Alcoutim

Exposição mostra uma retrospectiva do trabalho realizado pela artista plástica Isabel Ferreira ao longo de 18 anos da sua actividade como ceramista



“CORPO RESTRITO”

Até 3 MAI | Museu Municipal de Faro

Exposição fotográfica de Vasco Célio, com imagens inéditas dos objectos sobre modelos, jóias da Fotografia, com o objectivo de colocar em diálogo os novos conceitos da Joalheria Contemporânea de Autor